



DA LICENCIATURA À SALA DE AULA: DILEMAS DA INSERÇÃO NA DOCÊNCIA

BACHELOR OF THE CLASSROOM: DILEMMAS INSERT IN TEACHING

Milaine Menezes da Costa¹

Klinger Teodoro Ciriaco²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar dados de uma pesquisa exploratória desenvolvida com egressos do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/Câmpus de Naviraí – na perspectiva de compreender contribuições da formação inicial para os dilemas e dificuldades enfrentados no processo de inserção na carreira. Para tal, desenvolvemos um estudo de cunho qualitativo que se baseou em dados obtidos via análise de respostas de questionários aplicados com um grupo de professores iniciantes. Por fim, com a conclusão do estudo, podemos concluir que se faz necessário à criação políticas públicas que visem à promoção e apoio à inserção na carreira, bem como para a permanência na profissão.

Palavras-chave: Formação de Professores. Início de carreira. Principais dificuldades.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to present data from an exploratory research about graduates from the course of Pedagogy at the Federal University of Mato Grosso do Sul – UFMS/Campus of Naviraí – in the attempt to understand how much the initial training contributes to the dilemmas and difficulties faced when those graduates enter their teaching career. For such, we have developed a study of qualitative nature based on data acquired through the analysis of responses to a questionnaire applied to a group of brand-new teachers. Finally, upon completion of this study, we were able to conclude that it is necessary to set up public policies in order to promote and support the entry in the teaching career as well as the adherence to the profession.

Key words :Teacher Training. Early Career. Major Difficulties.

Introdução

¹ Professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Naviraí/MS; Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, Câmpus de Naviraí. mi_menezesc@hotmail.com

² Professor Assistente e Coordenador do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, Câmpus de Naviraí; Doutorando em Educação pela UNESP, Presidente Prudente/SP; Mestre em Educação pela UNESP, Presidente Prudente/SP e Pedagogo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, Câmpus Três Lagoas. klingerufms@hotmail.com



As reflexões apresentadas nesse artigo têm o objetivo central de levar o leitor à compreensão da temática de pesquisa que realizamos no contexto da formação docente na perspectiva de desvelar os condicionantes e as racionalidades que emergem das dificuldades de recém-formados encontrarem um lugar no mercado de trabalho a partir das dificuldades do ingresso na carreira. Trazer também quais as perspectivas e motivações perante a profissão docente.

Nesse sentido, os dados que serão apresentados se deterão em aspectos que revelaram contribuições da formação inicial para a aquisição de competências didático-pedagógicas e alguns sentimentos características da etapa de iniciação à docência pela via do discurso dos sujeitos em respostas aos questionários que desenvolvemos no de 2014, quando do momento da coleta de dados da pesquisa.

A relevância do tema se dá pela necessidade de compreensão das dificuldades que professores enfrentam para entrarem no campo ao qual ficaram anos estudando e se aperfeiçoando para trabalhar e quando saem dos bancos da universidade quais limites e possibilidades de atuação encontram durante a caminhada da busca pelo primeiro emprego na área.

Nesse contexto, partindo do pressuposto que a profissão de professor é eminentemente conflituosa e que os anos da docência constituem-se como um período marcado por aprendizagens intensas e, portanto, de ordem decisiva para a constituição da identidade docente (TARDIF, 2007). A presente pesquisa busca relatar alguns dos principais conflitos vividos na fase de inserção profissional. Para tanto, os dados desse estudo foram coletados junto ao um grupo de egressos do curso de Pedagogia da UFMS/CPNV, bem como um levantamento da tendência investigativa sobre essa fase da vida do professor na tentativa de melhor caracterizar o período de iniciação à docência.

Assim, algumas questões se fizeram relevantes para o gerenciamento e percurso investigativo, a saber:

- Como esses jovens professores estão iniciando na carreira?
- Como lidam com a fase de transição entre o estado de *estudante* para o de *professor*?
Quais são as principais características que marcam essa fase da profissão?
- Enfim, que contribuições à formação inicial traz para perspectivas de atuação no campo de atuação do docente iniciante?



Percebemos a necessidade de aprofundar reflexões e estudos em relação à essa temática na medida em que nossos esforços enquanto acadêmica do curso de Pedagogia e professor formador de professores nos fizeram pensar nos dois lados da moeda: a formação docente e o ingresso na profissão. Outro dado importante diz respeito ainda ao fato de que o a experiência escolar vem demonstrando, até mesmo por suas exigências atuais, que o professor iniciante além de se ver marcado por conflitos pessoais/profissionais com o choque cultural entre a sua formação e atuação, precisa adquirir em um curto espaço de tempo os conhecimentos necessários à docência, nunca antes vivenciados por ele.

Dessa maneira, podemos entender o início da docência como sendo é um processo de construção de saberes práticos da profissão, momento em que o professor verifica que “[...] muita coisa da profissão se aprende com a prática, pela experiência, tateando e descobrindo, em suma, no próprio trabalho” (TARDIF, 2007, p. 86).

Ingresso na carreira: alguns problemas vivenciados por professores iniciantes

A respeito do início da carreira docente, fase da vida do professor que inicia cheia de conflitos e descobertas, Huberman (1995) destaca podemos considerar os três primeiros anos da docência como sendo o de vivências regadas por sentimentos de “sobrevivência” e “descoberta” se caracterizando em um “choque de realidade” (VEENMAN, 1984), período de confrontação inicial entre a complexidade da situação profissional e as ideias construídas ao longo da formação inicial.

Ao sair da universidade onde “aprendemos” a lidar com inúmeras situações que o dia a dia em sala de aula pode trazer, chegamos à escola cheios de expectativas, com a cabeça transbordando de ideias em relação à profissão, ao aluno e ao ensino de modo geral, percebemos que o “choque cultural” (TARDIF, 2007) é grande e que as dificuldades serão intensas. Muitas vezes é ali na sala de professores que começamos a sobreviver os dilemas e conflitos que iremos passar no início da carreira, pois dificilmente os que já estão nesse espaço irão estender-nos a mão, uma vez que a hierarquia da posição que ocupam é logo declarada ao professor novato (EDDY, 1971). Com isso, a socialização profissional, depois do ingresso na carreira, torna-se a primeira dificuldade daquele que se aventura a iniciar a atividade docente.



Depois de passar pela sala dos professores, chegamos à sala de aula com os olhos brilhantes e o sentimento de ter, pela primeira vez, uma turma sob nossa responsabilidade, assim, pensamentos do tipo: “*os alunos vão nos aceitar?*” tornam-se recorrentes do ideário construído nesse período inicial (ROCHA, 2006). Temos tantas coisas novas para apresentar para eles, queremos fazer tudo diferente de alguns professores que passaram por nossas vidas e iguais a muitos que nos trataram com carinho. Porém, é nesse instante que aparece o segundo dilema do começo da carreira: a “sobrevivência” que é identificada por Huberman (1995) como sendo:

[...] o ‘choque com o real’, a constatação da complexidade da situação profissional: o tatear constante, a preocupação consigo próprio (‘Estou a me aguentar?’), a distancia entre os ideais e as realidades cotidianas da sala de aula, a fragmentação do trabalho, a dificuldade em fazer face, simultaneamente, à transmissão de conhecimentos, a oscilação entre relações demasiado íntimas e demasiado distantes, dificuldades com alunos que criam problemas[...]” (in LIMA, 2006, p. 10-11).

É impossível iniciar na carreira docente sem se deparar com esse tipo de sentimento. É no período de indução no campo profissional que se “sobrevive” as dificuldades por mais duras e cruéis que sejam. Ao mesmo tempo, descobre-se, em meio aos dilemas, que a docência pode ser uma forma de contribuir com a formação do outro e, portanto, com seu processo emancipatório.

No entanto, essa realidade nem sempre é a mesma para todos. Muitos se frustram antes mesmo de se inserir na carreira por não conseguirem uma ocupação nos postos de trabalho. Essa dificuldade de ingresso na docência acaba fazendo com que esses profissionais, para não ficarem desempregados, trabalhem em área sem ser a de sua formação.

Autores que discutem o início da carreira como Esteves e Rodrigues (1995) e Veenman (1984) analisam que estes profissionais, ao chegarem à realidade escolar, sofrem o que denominam de “choque de realidade” momento esse em que o professor iniciante, como já relatado, passa por inúmeras dificuldades na nova profissão. Esse choque, se não for bem gerido pelo professor com apoio de outros profissionais da educação mais experientes, pode provocar sérios danos à construção do perfil do docente que neste momento se inicia no trabalho escolar (ROCHA, 2006).

Os dilemas e dificuldades do professor iniciante são causados pela exigência de atuação na resolução de vários problemas, entre os quais, segundo Franco (2000) destaca-se:

- 1) problemas em conduzir o processo de ensino e de aprendizagem, considerando as etapas de desenvolvimento de seus alunos e o conteúdo a ser



desenvolvido; 2) problemas com a disciplina dos alunos e com a organização da sala de aula (p. 34).

É como se tivéssemos a seguinte sentença: os professores em início de carreira passam por muitos problemas que indicam um não saber desse professor no manejo de sala. Boa parte desse saber é decorrente, ao que nos parece, da à experiência, porém, também se sabe que no âmbito da formação inicial o trabalho com esse saber tem ficado se apresentado de maneira fragmentada demonstrando-se pouco eficiente para as exigências da escola quando ingressa na carreira.

Nesse momento é “[...] como se da noite para o dia o indivíduo deixasse subitamente de ser estudante e sobre os seus ombros caísse uma responsabilidade profissional, cada vez mais acrescida, para qual percebe não estar preparado” (SILVA, 1997, p.53). Assim, no turbilhão de sentimentos como angústia, medo, insegurança, vivenciados diariamente pelo professor é preciso que o mesmo tente encontrar motivos para permanência na profissão. E para que isto aconteça é necessário que possa recorrer ao apoio da instituição que trabalha e aos referenciais de sua formação inicial (SILVA, 1997).

De modo geral, no dia a dia do contexto escolar, muitos professores iniciantes se encontram em uma situação que dependem da sorte para poderem se adaptar ao ofício do novo trabalho que agora inicia. Dessa maneira, é comum a mobilização de saberes que vivenciou enquanto aluno para constituir sua prática pedagógica, uma vez que o principiante na carreira nem sempre encontra com quem compartilhar suas angústias e necessidades formativas dentro do campo de sua atuação. Essa realidade, sem dúvidas, acaba por contribuir de forma negativa para as primeiras vivências dentro da sala de aula.

Quadros *et al.* (2006) ressalta que dentre os obstáculos se destacam com frequência no discurso de professores novatos a dificuldade com os alunos, a questão salarial e as precárias situações de trabalho onde nem sempre encontram apoio pedagógico de que necessitam para desenvolver um bom trabalho no decorrer do processo inicial. Além disso, outra questão em resposta a essa falta de apoio institucional, recai no isolamento e solidão que o professor se encontra no percurso de sua aprendizagem da docência no começo (MARIANO, 2005).

Fontana (2000), ao estudar o processo de constituição da carreira docente em sua tese de doutorado, lembra que o professor não se encontra preparado quando ingressa na profissão. Para a autora, muitos dos motivos que levam professores iniciantes ao fracasso na carreira e/ou a



sentirem desmotivados deve-se ao fato da indiferença da equipe de coordenação e demais membro da comunidade docente.

Ademais, de acordo com Lima (2006) o início da docência constitui-se um período marcado por aprendizagens intensas e conflitos pessoais que os jovens professores encontram ao transitar do estado de *estudante* para o de *professor*. A autora destaca ainda que essa fase da vida do professor não tem a atenção devida de pesquisadores da área educacional, o que respalda nosso trabalho de pesquisa, bem como a necessidade de se estudar o período de transição entre a licenciatura e a sala de aula.

Nesse contexto, nos próximos tópicos de discussões apresentaremos tanto o modo como a pesquisa foi desenvolvida quanto os procedimentos adotados para análise dos dados sob a perspectiva de evidenciarmos os problemas que professores egressos do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPNV – enfrentam em busca de sua inserção na carreira e de seu desenvolvimento profissional.

Procedimentos metodológicos

Esse estudo tem como procedimento a análise descritiva e exploratória de um conjunto de dados que envolvem uma abordagem qualitativa da pesquisa com a temática do professor iniciante. A opção por esse tipo de trabalho de campo deve-se pelo fato de que a pesquisa qualitativa permite ao pesquisador o contato direto e observável com a situação a ser estudada, como também por oportunizar a identificação de categorias de análises de conteúdo (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Para tal, foi colaboradores da experiência aqui relatada um grupo composto por 43 acadêmicos egressos do curso de Pedagogia da UFMS/CPNV do ano de 2013, que colaram grau e estavam em busca do primeiro emprego no momento da coleta dos questionários que desenvolvemos.

O questionário para o presente estudo de pesquisa foi composto por 19 questões com perguntas abertas e fechadas, e dividido por temas: **1º)** formação docente: contribuições para atuação profissional; **2º)** dificuldades para o ingresso na carreira docente; **3º)** perspectivas para a atuação profissional. Dessa maneira, os questionários foram formulados com o objetivo de caracterizar o perfil da formação bem como as expectativas para o ingresso da carreira docente e se todos as/os que se formaram pretendem atuar como professores.



Segundo Marconi e Lakatos (2001) o questionário se constitui em um meio de coleta de dados composto por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas com ou sem a presença do entrevistado.

Contudo, procuramos trabalhar com uma amostra de 15 sujeitos, tendo em vista que o número de professores recém-formados era grande e ainda pela participação voluntária na pesquisa. Logo, os dados que serão relatados na análise referem-se às respostas desse subgrupo de Pedagogos no período de indução na carreira docente. Cabe ressaltar que nem todas as respostas foram utilizadas, levando em consideração que foram selecionadas as que melhor respondiam ao tema proposto pela pesquisa. Todos os colaboradores do estudo são do sexo feminino e a média de idade é de 21 a 45 anos.

Assim, direcionamos nossos esforços por meio de leituras sobre a temática pesquisada com vistas à compreensão de nosso objeto de estudos de forma mais abrangente com o foco em atingir os objetivos inicialmente propostos para o desenvolvimento do artigo, a saber:

OBJETIVO GERAL: Relatar às dificuldades encontradas na inserção profissional na carreira do magistério por acadêmicos egressos do curso de Pedagogia do CPNV/ UFMS.

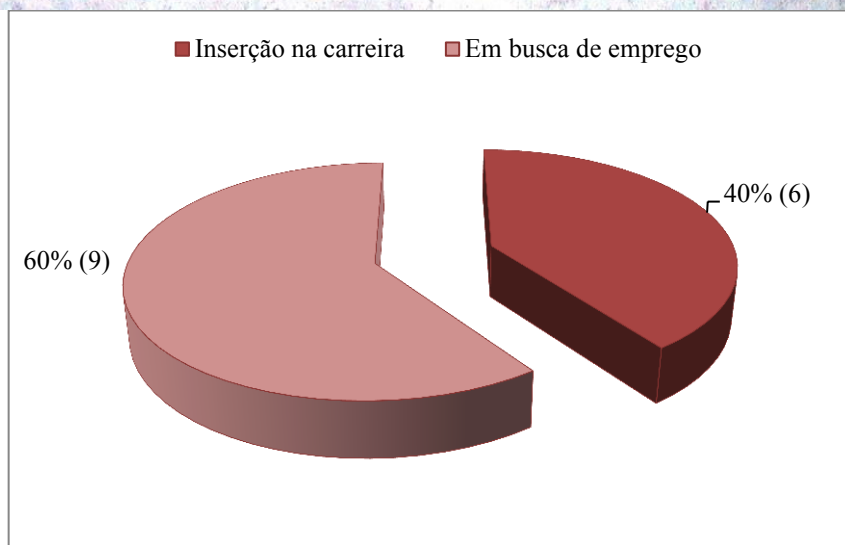
Objetivos específicos:

1. Traçar as dificuldades encontradas para o ingresso na profissão;
2. Levantar as possíveis motivações para investir na carreira docente;
3. Verificar os dilemas e perspectivas dos professores com seu ingresso na carreira e/ou para inserção no mercado de trabalho.

Para atender aos objetivos do trabalho, a pesquisa teve 02 (dois) eixos centrais de investigação, a saber: **1)** contribuições da formação inicial para o início da carreira, problemas vivenciados, dificuldades de se inserir no mercado de trabalho e; **2)** sentimentos em relação ao começo da carreira.

Para termos uma melhor compreensão da situação funcional dos professores egressos do curso de Pedagogia colaboradores desse estudo, elaboramos um gráfico com o objetivo de demonstrar o percentual de docentes que ingressaram na carreira desde fevereiro de 2014:

Gráfico 01: Situação funcional dos professores recém-formados



Fonte: Elaborado pelos autores, 2014.

Conforme podemos verificar o número de professores atuantes que conseguiram o primeiro emprego na área educacional ainda é pouco, ou seja, dentre os 15 participantes da pesquisa, apenas 40% que equivalem a 6 (seis) ingressaram na profissão. Contudo, um dado importante é que esse espaço de atuação não se deu na rede pública e ensino, ao contrário, 5 (cinco) estão no setor privado e 1 (um) atua na escola pública.

Dessa maneira, a análise dos dados obtidos via respostas dos questionários serão mais bem aprofundados e referenciados nos próximos tópicos. Lembramos que para atender a ética da pesquisa a identidade dos sujeitos não será revelada, com isso para que possamos identificar as respostas utilizamos as letras iniciais de seus nomes em ordem aleatória.

Contribuições da formação inicial para atuação profissional e a inserção na carreira

Em relação à formação inicial dos professores colaboradores desse estudo, de modo geral, a maioria identifica ricas e promissoras contribuições desse período para a etapa de iniciação à docência. Muitos mencionam a grande relevância que o estágio obrigatório parece exercer para a constituição da identidade, bem como para a relação entre teoria e prática durante o período de formação inicial dos mesmos.

Tal fato contribui com a discussão e enfatiza o quanto o lugar da prática pedagógica nas agências de formação de professores precisa estar mais articulado no que diz respeito ao aspecto da compreensão da dinâmica do trabalho docente e da realidade da escola para que o professor,



em seu ingresso na carreira, não sinta tanto o choque com a realidade e tente amenizar os problemas provenientes de sua inserção no terreno da profissão.

Algumas das contribuições da formação inicial para a prática pedagógica, ao que tudo indica, recaem sobre o papel do estágio como elemento articulador entre a teoria vista durante todo período do curso e a prática efetivada, na maior parte das vezes, quando o acadêmico toma contato com a escola, ou seja, no período da disciplina de estágio. Embora não tenhamos relacionado nos dados acima todos os sujeitos, é notória essa percepção em resposta aos questionários, pois dentre os 15 professores, 11 relataram a importância desse componente curricular do curso de formação para a aquisição de experiências práticas na carreira docente.

Com relação a essa questão Pimenta (1999) esclarece-nos a importância de se considerar o professor em sua própria formação, num processo de autoformação, de reelaboração dos saberes iniciais em confronto com sua prática vivenciada. Ao que tudo indica essa prática de que a autora comenta parece estar atreladas aos saberes da experiência, decorrentes, no caso pesquisado, do contato desses professores com o estágio durante o processo de formação inicial, tão recorrente no discurso deles. Contudo, é no começo da carreira que o saber da prática se consolida, ou seja, é diferente estar em uma sala de aula como estagiário em um dia e no outro como professor.

Tardif (2007) esclarece que:

[...] é no início da carreira que a estruturação do saber experiencial é mais forte e importante, estando ligada à experiência de trabalho. A experiência inicial vai dando progressivamente aos professores certezas em relação ao contexto de trabalho, possibilitando assim a sua integração no ambiente de trabalho, ou seja, a escola e a sala de aula. Ela vem também confirmar a sua capacidade de ensinar (p. 86).

Nesse entendimento, temos ciência de que não será o papel da formação inicial consolidar esse saber da experiência, mas ela pode contribuir com isso articulando teoria e prática no decorrer das práticas de estágio que possibilitem um processo de ressignificação do contato inicial dos futuros professores com a escola. Assim, os saberes da experiência vão se constituindo a partir de uma reflexão “na” e “sobre” a prática. Desse modo, as vivências durante o estágio têm um papel de extrema importância na constituição da carreira do professor, pois o contato com a sala de aula via observação, coparticipação e regências, na maioria das vezes, possibilitam um movimento de reflexão sobre a atuação em contextos específicos da futura atuação, desde que gerido de forma orgânica no sentido dos significados desse primeiro momento com a prática escolar.



Em relação aos desafios encontrados durante a trajetória formativa, seja na vivência do curso em si ou especificamente do estágio, identificamos a alteração da rotina de estudos, que passa a exigir maior envolvimento e dedicação do futuro professor durante os anos de sua formação, a dificuldade de articular teoria e prática e o tempo para cumprir as exigências acadêmicas também foram dados declarados pelos egressos ao apontarem os limites da formação inicial.

Ainda em referência aos desafios do estágio, muitos dos professores egressos do curso de Pedagogia relatam a relevância de se trazer a disciplina para o primeiro ano do curso ou, pelo menos, no segundo ano, já que em suas falas fazem relação entre a teoria e a prática como a principal limitação. Outro fator interessante foi o reconhecimento de que pelo fato do estágio estar alocado a partir do terceiro ano da licenciatura, muitos concluem os cursos para não ficarem com o sentimento de tempo perdido, uma vez que descobrem, quase no fim, após o estágio, que não querem ser professores, o que pode contribuir para futuras frustrações no trabalho ou ainda para um começo de carreira “conturbado” e “doloroso”.

Algumas dessas falas descritas abaixo evidenciam ditos nos parágrafos acima:

[...] se tivéssemos este contato no ambiente escolar, desde o início, penso que não seria tão corrido as práticas de estágios, é muito pouco esse contato direto com o aluno. Pois na prática é bem diferente que na teoria. (II).

[...] o estágio deveria ser desde o primeiro ano para que as dúvidas fossem sanadas no decorrer do curso, já que são muitas as dúvidas existentes no período de estágio (MR).

Para que possamos identificar as semelhanças da teoria com a prática. Porque até o terceiro anos escutamos que como funciona, e quando chegamos para fazer a regência não é nada o que aprendemos, ou até mesmo na observação. (MA).

Com o estágio desde o primeiro ano penso que seria melhor, pois no ultimo ano tudo fica muito corrido nem estagio empresarial e os estágios na escola então faz-se tudo muito correndo e sob pressão. (RI).

Não no primeiro ano, mas pelo menos no segundo para que o contato escola/acadêmico seja mais frequente e que tenha mais acesso a prática [...] (CM).

[...] se os estágios iniciassem desde o primeiro ano de faculdade as formações seriam mais seletivas, pois é nessa fase do curso que todos os acadêmicos se perguntam será que quero seguir essa profissão? E normalmente nesta situação muitos não desistem do curso por estar quase finalizando sua jornada acadêmica. (JY).

As afirmações dos egressos revelam que o estágio teve um significado importante para a formação e constituição de saberes práticos da profissão docente. Em certa medida isso pode



contribuir para que o choque com a realidade da docência não seja uma experiência tão traumática, mas não podemos ser ingênuos e acreditarmos que a resposta para os problemas do professor iniciante sejam resolvidas nos bancos universitários, haja vista que lidamos com contextos ideais e não reais.

Contudo, esses jovens professores que buscam um espaço para inserção no mercado de trabalho acreditam que podem contribuir com mudanças, fazer a diferença na educação com práticas que favoreçam os alunos por meio de um processo de ensino e aprendizagem mais dinâmico. Alguns dos motivos que levaram os egressos a busca por essa formação inicial encontram-se: a falta de opção, o sonho de infância, a crença de que seria uma profissão de boa remuneração e ainda fácil ingresso no mercado de trabalho, o que não se confirmou, em muitos casos, após a colação de grau desse grupo.

Sobre a questão da construção do início da carreira, Mariano (2005) retrata esse período como sendo um momento de frustração para o professor principiante pelo fato dele ter que enfrentar dificuldade, burocracias, inúmeras rejeições e diferenças de tratamento.

Desse modo, podemos entender o início da carreira docente como um período repleto de anseios, que apenas são superados quando paralelos a esse sentimento existe o desejo e entusiasmo pela profissão ao conseguir seu primeiro emprego na área educacional.

No caso pesquisado, no que diz respeito à inserção na carreira docente, os professores relataram que uma das principais dificuldades encontradas após se formarem residiu na forma de ingresso por meio de editais de contratação de professores convocados que exige além da experiência comprovada uma excessiva pontuação para assumir uma sala de aula, o que não conseguiram devido à inexistência de prática pedagógica comprovada. Os relatos agora expostos ilustram algumas dificuldades e desapontamentos por parte desses licenciados:

Não estou atuando, mas gostaria de estar, pois passar os quatro anos na universidade aprendendo em como lidar com os alunos a perder a timidez enfrentando os desafios de o estágio querer colocar em prática é tudo o que mais gostaria, acaba sendo frustrante saber o que fazer e não colocar em prática. (SL).

[...] porem estudei quatro anos me preparando para esse ramo e hoje vejo que para conseguir trabalho na área tenho que buscar por mais conhecimento, e mesmo assim não sou reconhecida pelos que estão no poder da contratação de professores na rede municipal do meu município, porém fazem descaso com sua preparação. (JQ).

[...] todos que faz uma faculdade já querem sair da sala de aula com um emprego certo, sem precisar se humilhar como já acontecia antes de ingressar em uma universidade. (MA).



As falas acima são de profissionais que ainda não estão inseridos no mercado de trabalho o que demonstra a dificuldade de inserção na carreira docente. Essa afirmativa encontra respaldo no fato de que dentre os 15 (quinze) egressos colaboradores de nossa pesquisa, apenas 06 (seis) estão atuando como professores na rede particular de ensino local. Os dados até aqui apresentados apontam que antes de mesmo do professor recém-formado conseguir se inserir na profissão os sentimentos de insegurança, dúvidas e medo fazem parte do repertório das expectativas com relação ao primeiro emprego. Tais informações condizem com as características da etapa de iniciação à docência elencadas por Marcelo Garcia (1999).

Seguindo a linha de raciocínio, ao evidenciarmos a análise das dificuldades sentidas pelos docentes egressos do curso de licenciatura em Pedagogia, podemos inferir que a prática docente comporta situações complexas, incertas, singulares, imprevisas, que apresentam características únicas que são compreendidas como fontes de aprendizagem a partir da qual é elaborado um determinado saber (NÓVOA, 1995).

Com base nos resultados de nosso estudo, em concordância com Nóvoa (1995), elencamos alguns pontos que se constituem em limitações para a inserção na carreira, a saber: falta de experiência, falta de oportunidades ao iniciante e relação com professores mais experientes. No discurso dos professores recém-formados esses pontos ganham maior evidência:

[...] foi a relação com colegas de trabalho, pois muitos ao invés de ajudar apenas dificultaram a relação e criticaram. (KL).

Pelo fato de eles terem um certo preconceito sobre o professor iniciante. (JQ).

“Por serem mais experientes pensam que os recém-formados não sabem o que ensinar, que não somos capazes de dominar o conteúdo”. (RT).

Dificuldade em conquistar a confiança dos colegas logo de início, a adaptação com os alunos em aprender que cada um possui seu tempo de aprender e como ensinar uma sala mista de dificuldade sem prejudicar os grupos que sabem. (SD).

Com os colegas mais experientes preconceito [...] (IL).

É evidente a falta de apoio que esses professores parecem ter no cotidiano do trabalho docente, principalmente em relação a sua socialização no espaço escolar junto aos demais membros que ali já se encontram. Os relatos apresentados caminham no sentido de revelação das relações hierárquicas presentes dentro da escola, em que professores mais experientes acabam por “silenciar” os novatos no sentido e querer fazer com que eles se adequem a cultura de



“acomodação” na profissão, cultura essa que se difere das características do curso de formação inicial em que os sujeitos desse estudo se formaram.

Frente aos desafios postos tanto em relação ao ingresso na carreira quanto dos sentimentos de sobrevivências vivenciados pelos professores iniciantes que foram apresentados nessa seção do artigo, acreditamos que cabe à formação continuada auxiliá-los na perspectiva do desenvolvimento profissional docente, uma vez que já estão lançados no mercado de trabalho em busca do primeiro emprego.

Por fim, defendemos a tese de que a escola cumpre um papel de suma importância na formação desses profissionais novatos, pois esse é um espaço rico de aprendizagem da docência quando esta é encarada como um projeto coletivo.

Alguns sentimentos em relação ao começo da carreira: medos e descobertas

Conforme já mencionado anteriormente em alguns pontos deste texto, o início da docência é um período marcado por inúmeros sentimentos por vezes contraditórios no desenvolvimento do trabalho pedagógico durante as primeiras vivências no contexto escolar. Nesse sentido, é possível entender que esse momento refere-se à fase de transição de estudante para professor (TARDIF, 2007). É nesta fase em que somos postos à “prova”, instante em que nos encontramos avaliados pelos demais colegas de profissão, se realmente somos capazes e preparados a estarmos dentro de uma sala de aula.

Nesse estudo, conseguimos identificar alguns dos sentimentos que mais afligem os professores iniciantes quando ingressam na carreira, sendo eles: angústia, insegurança, medo, ansiedade, improviso, descobertas, insatisfação pessoal e profissional, preocupação com aprendizagens dos alunos e com que os professores que já estão inseridos na escola. Todas essas sensações são, de acordo com os egressos de Pedagogia, sensações marcantes durante os primeiros anos de docência. As afirmações dos professores iniciantes colaboradores dessa pesquisa coincidem de modo geral com os aspectos de “sobrevivência” identificados por Huberman (1995) como sendo o das dificuldades enfrentadas pelos novatos durante os três primeiros anos do início da carreira docente.

Dessa maneira o principiante tem que “sobreviver” a essas tensões e dificuldades para que possa descobrir as artes do ofício de sua profissão. Os aspectos de sobrevivência e descoberta



ganham maior destaque ao trazermos à tona trechos dos relatos dos sujeitos desse estudo, a saber:

Cada dia é uma descoberta com o ensino dos alunos, tanto professor aprende com eles e vice e versa, medo e insegurança se aquilo que está fazendo está correto, causando uma ansiedade de saber resultado do aprendizado dos alunos, e se está agradando a direção. (SI).

[...] sobreviver no meio de pessoas que querem te derrubar. Medo e insegurança que tudo é novo te dá medo. Cansaço e vontade de desistir, pois você se sente sozinho. Muitas vezes vou-me sentir falho no processo de aprendizagem, e vem à preocupação com o que vai pensar de mim, pois nem todos os alunos de uma sala vão aprender da mesma maneira. (IL).

[...] sentimos medo e insegurança, [...], além disso, ficamos preocupados se estamos contribuindo com aprendizagem dos alunos. (VL).

É uma mistura de sentimentos, afinal lidamos com a insegurança de se realizar um bom trabalho e se está sendo feito da maneira correta. O desânimo chega a vários momentos, porém não podemos nos deixar abater. (KR).

Todos os sentimentos são marcados no início da carreira, mas também a cada ano acredito que esses sentimentos retornem principalmente o medo e a insegurança. (MA).

Conforme verificado, podemos observar nas falas acima uma constante repetição nos sentimentos de insegurança, medo, desânimo e, em alguns momentos, a ansiedade em saber se estão fazendo certo e agradando a gestão da escola. Já em relação à insatisfação pessoal e profissional também acarreta sentimentos obscuros nesse início como salienta um dos egressos:

Com certeza uma satisfação pessoal e profissional, pois foi algo que estudei para isso e se cheguei até o fim é porque gosto realmente da profissão, é inevitável o medo e a insegurança no início mais não se sabe como receberão a sua presença e seu modo de trabalho, pois quando chegamos a algum lugar novo queremos mostrar serviço e sempre tem uma pessoa/professor antigo querendo te desanimar em suas atitudes, e com certeza o aprendizado dos alunos, pois através deles que se vê o professor. (SA).

Para Marcelo Garcia (1999), os sentimentos da etapa de iniciação à docência também envolve insatisfação pessoal e profissional e é nesse instante que o principiante na carreira encara suas tensões e dúvidas muitas vezes sozinho, tendo que adquirir equilíbrio emocional para lidar com as frustrações para que consiga se manter no mercado de trabalho e demonstrar competência didático-pedagógica.

Entretanto, diante dos desencantos expressos pelo grupo de ex-alunos concluintes do curso de Pedagogia, encontramos uma professora iniciante que, diferentemente dos demais, encontrou apoio e colaboração na escola em que está atuando. Contudo, cabe a ressalva de que a



escola em que ela atua pertence a rede privada e, portanto, tem em seu histórico no município boas referências, principalmente pela receptividade e colaboração da gestão em relação a busca por melhorias na qualidade de trabalho de seus professores. Assim, ela salienta que:

No primeiro momento logo de cara foi o medo e a insegurança, não sabia como liderar uma turma nem como chamar a atenção dos alunos sobre o que estava falando, então me veio uma ansiedade que me mostrou que o método, a maneira como eu estava trabalhando não estava dando certo, nesse dia então improvisei e a partir daí muitas vezes sentei com a coordenadora da instituição e a psicóloga para me orientar de como poderia me sair bem em sala de aula (JY).

A realidade descrita acima infelizmente não faz parte do cenário atual de todas as escolas brasileiras, principalmente as públicas, muitas vezes as turmas mais complicadas e as escolas mais afastadas do centro dos municípios são os ambientes de trabalho mais frequentes e destinados aos que estão em fase de inserção na carreira. Esse dado, sem dúvidas, contribui de modo significativo para o agravamento dos problemas que os professores iniciantes enfrentam no dia a dia.

A importância de se ter profissionais mais experiências no processo de mentoria de professores iniciantes auxiliando-os no desenvolvimento de suas práticas é indicado por alguns estudos como sendo um ponto favorável à construção do início da carreira (TANCREDI; REALI, 2006).

Nesse contexto, de acordo como Nono (2011), encontramos na escola um papel importante no processo de formação dos professores principiantes, o que aponta para a necessária colaboração e articulação entre professores em exercício e novatos na profissão. Assim, apesar dos desafios encontramos pelos egressos de Pedagogia no caso desse estudo, conseguimos perceber que mesmo com tantos problemas os profissionais se sentem motivados a encarar as “sobrevivências” e “abraçam” as descobertas e maravilhas do constituir-se enquanto professores. Com isso, sentimentos de capacidade profissional e de manejo de turma acabam se tornando pontos de apoio para a continuidade na carreira.

Os encantos com a docência parecem ser mais fortes do que os desencantos, contudo, leva-se certo tempo até que estes se apresentem no dia a dia do trabalho docente. Esse sentimento de descoberta é o que parece motivar os professores a não desistir da docência e os levam a acreditar que são capazes de superar os desafios e medos, podemos analisar as motivações pessoais em relação ao processo de ensino e aprendizagem nos trechos das respostas de alguns egressos:



O que me motiva é o olhar de cada criança ao chegar todos os dias na escola, é inspirador o respeito e a admiração que muitas pessoas apesar de ser a minoria têm pela nossa profissão. (KL).

O que me motiva é que dediquei 4 anos da minha vida para me preparar para isso, busquei formações que viessem ao encontro com as necessidades apresentadas para que eu possa estar preparada para ensinar. (JQ).

A vontade de crescer profissionalmente e provar para todos que me olharam com desprezo. (MC).

A vontade de fazer do meu trabalho ferramenta importante para o desenvolvimento do ser humano. (LC).

Ao analisarmos tais discursos, é possível afirmarmos, em concordância com estudos sobre o início da carreira, que o sentimento e desejo de mudança é comum na prática do docente novato que acaba de sair da universidade com vontade de fazer a diferença na escola. Tais características são frequentemente recorrentes nas respostas dos egressos de Pedagogia objeto de análise dessa pesquisa.

Nono e Mizukami (2006) contribuem com nosso entendimento ao afirmarem que as dificuldades do começo da profissão são comuns e, evidentemente, vivenciadas por todos os professores que ingressam nessa carreira. Para as autoras, os desafios dos primeiros anos são traduzidos em medidas de fortalecimento da prática pedagógica na medida em que esses conflitos são aceitos pelos professores iniciantes como forma de aprendizagem profissional.

Assim achamos que iremos encontrar na sala de aula um lugar certo para que nossos sonhos sejam todos realizados, com o apoio dos professores mais experientes, que irão nos receber de braços abertos, nos relatar suas angústias de início para nos deixar mais seguros. Portanto, Mariano (2006) ao caracterizar o início de carreira nos alerta para a realidade que iremos enfrentar ao chegar à escola que, na maioria das vezes, não se apresenta como a idealizamos durante a formação inicial. Com vistas às reflexões do autor, compreendemos que a prática docente necessita de preparação e, em alguns casos, mesmo com o planejamento prévio das ações, o docente iniciante é surpreendido com relações adversas que fogem às regras convencionais da aula, o que exigirá conhecimento tácito para o manejo da turma. inúmeras vezes de improviso diante as dificuldades encontradas quando assumimos uma sala.

Frente aos desafios postos em relação à construção do início da carreira docente, os professores colaboradores de nosso estudo reconhecem ser necessária uma formação permanente



para que consigam ter um melhor desempenho pedagógico na prática. De forma unânime os egressos de Pedagogia declaram a importância da continuidade dos estudos como meio de superação das dificuldades e desafios decorrentes do processo de iniciação à docência.

Marcelo Garcia (1999) contribui com esse pensamento ao enfatizar que a prática pedagógica é um processo contínuo em que o docente precisa estar em reflexão constante sobre suas ações como forma de romper com os moldes tradicionais por meio de pesquisas e cursos de aperfeiçoamento que busquem uma maior aproximação com as tendências curriculares para o ensino.

Dessa forma, a formação continuada é de fundamental importância para que os sentimentos de descobertas possa vir fazer parte da profissão. Muitas vezes é nesse espaço de troca de experiência com o outro é que o fazer pedagógico ganha corpo, forma e conteúdo ao buscar medidas de superação coletivas para os desafios postos ao começar atuar na carreira. Nesse entendimento, tanto a formação de professores quanto o desenvolvimento profissional podem ser compreendidos como um processo contínuo que envolve a combinação de etapas formais e informais que interferem no processo de construção da identidade do professor iniciante. Por tal razão, precisamos encarar a construção do início da carreira como um projeto coletivo.

Por fim, conforme verificamos, apesar de tantos sofrimentos, os professores novatos encontram razões para permanecer na profissão, rompem conflitos e passam a experimentar a sensação de fazer parte de um corpo de profissionais com responsabilidades a serem cumpridas e ainda que estes tentam, na realização de seu trabalho, fazer a diferença na educação. Essa afirmação encontra respaldo no fato de que, como vimos, o sentimento de “descoberta” parece ser maior do que o de choque com a realidade na fase do sobreviver ao processo da aprendizagem da docência.

Considerações finais

O processo investigativo nos permite afirmar o ingresso na carreira docente constitui-se um grande desafio para aqueles que estão em busca de um posto de trabalho no campo da docência, uma vez que, no caso pesquisado, temos um grupo já consolidado de professores experientes em exercício e ainda pelo fato de que os editais de convocação para contratação de docentes supervalorizam a experiência como sendo um ponto elementar para atribuição de aulas.



Essa realidade local dificulta muito a inserção de novos profissionais na rede municipal de educação de Naviraí/MS, haja vista que os acadêmicos egressos do curso de Pedagogia, em sua maioria, não possuem experiência em sala de aula.

Outro dado importante que a pesquisa revelou foi o sentimento de “impotência” desses jovens professores perante a busca incessante do ingresso na profissão, além disso, o preconceito da sociedade local, em relação à contratação, tem gerado outros dilemas para aqueles que buscam uma oportunidade de emprego diferente da docência, isso ocorre porque muitas agências locais não recomendam a contratação de funcionários que possuem formação em nível superior para atuarem em áreas que sejam diferentes da se formaram.

Desse modo, conseguimos ainda retratar que existem algumas contribuições da formação inicial para o início da docência, pois o trabalho de campo revelou que a temática sobre professores iniciantes vem sendo pouco explorada, o que reforça a necessidade de analisar o processo formativo destes professores, dando mais atenção a essa fase de vida tão cheia de conflitos e inseguranças.

Apesar de todas as dificuldades e desafios postos no processo da inserção na carreira, podemos dizer que na experiência desse estudo, os professores egressos do curso de Pedagogia – UFMS/CPNV – sentem-se motivados para adquirir práticas de aprendizagens profissionais ao buscarem novos conhecimentos por meio da formação continuada.

Assim, um dos pontos positivos de nosso trabalho reside no fato de que foi possível evidenciar que a docência na fase inicial é constituída por profissionais que sonham com uma educação de qualidade e que os professores iniciantes têm sede de novos saberes para contribuir com a aprendizagem futura de seus alunos.

Contudo, como o passar dos anos esse sentimento de mudança perde espaço para o comodismo da cultura escolar que insiste no isolamento dos professores e que encara momentos coletivos como sendo o encontro na sala dos professores e em reuniões pedagógicas para tratar de princípios burocráticos no cotidiano. Ademais, temos pensado, numa prática de pesquisa futura, em investigar de que modo a cultura escolar interfere na constituição da(s) identidade(s) docente(s) do professor iniciante. Essa foi/é a grande contribuição acadêmica dessa experiência para a primeira desse artigo autora que, em ocasião oportuna, investirá em seus estudos dando continuidade na temática de pesquisa aqui descrita.



Em suma, como forma de conclusão da pesquisa, podemos afirmar que o início de carreira é regado por um clima de insegurança e instabilidade profissional decorrentes da falta de reconhecimento e apoio ao professor principiante.

Referências

- EDDY, E. 1971. **Becoming a Teacher: The Passage to Professional Status**. New York: Columbia. University Teachers College Press.
- ESTEVES, M.; RODRIGUES, A. 1995. A formação de professores: especificidades e problemas. In: _____. **Análise de necessidades na formação de professores**. Porto. p.39-42.
- FRANCO, F. C. O coordenador pedagógico e o professor iniciante. In: _____.ALMEIDA, L.R. BRUNO, E. B. C; CHRISTOV, L.H. da S. 2000. **O coordenador pedagógico e a formação docente**. São Paulo: Loyola, p.33-36.
- FONTANA, R. C. 2000. Trabalho e subjetividade. Nos rituais da iniciação, a constituição do ser professora. **Cadernos CEDES**, v. 20, n 50. p. 107-119. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n50/a08v2050.pdf>. Acesso em: 05/0/2014.
- HUBERMAN, M. 1995. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (coord). **Vidas de professores**. Porto/Portugal: Porto, p. 31-78.
- LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. 2001. **Metodologia do trabalho científico**. Ed. Atlas. 6ª. Edição. São Paulo.
- LIMA, E.F.de. (Org.). 2006. **Sobrevivências no início de carreira**. Brasília: Líber Livro Editora.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D. A. 1986. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU.
- MARCELO GARCÍA, C. 1999. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora.
- MARIANO, A.L.S. 2005. Aprendendo a ser professor no início da carreira: um olhar a partir da ANPED. In: **28ª Reunião Anual da ANPED**, Caxambu - MG. Disponível em: 28reuniao.anped.org.br/textos/gt08/gt0872int.rtf. Acesso em: 09/08/2014.
- MARIANO, A.L.S. O início da docência e o espetáculo da vida na escola: abrem-se as cortinas. In: LIMA, Emília Freitas de (org.). 2006. **Sobrevivências no início da docência**. Brasília: Líber Livros.
- NONO, M.A. 2011. **Professores iniciantes: o papel da escola em sua formação**. Porto Alegre: Mediação.
- NONO, M.A.; MIZUKAMI, M.da G.N. 2006. Processos de formação de professoras iniciantes. **Revista brasileira Estudos Pedagógicos**; Brasília, v. 87, n. 217, set./dez. p. 382-400.



Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/24/26>. Acesso em: 03/07/2014.

NÓVOA, A. 1995. **Profissão professor**. Lisboa: Porto.

PIMENTA, S.G. 1999. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez.

QUADROS, A.L.; GOMES, A.F.; ALMEIDA, A.M; ALEME, H.G; FONSECA, M.T; FIGUEIREDO, R.A; SILVEIRA, V.A. 2006. Professor em início de carreira: relato de conflitos vivenciado. **Revista Varia Scientia**, v. 06, n. 12, p. 69-84. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/variascientia/article/view/1514/1233>. Acesso em: 13/05/2014.

ROCHA, G.A. 2006. Por uma política institucional comprometida com o início da carreira docente enquanto um projeto coletivo. In: **29ª Reunião Anual da Anped**. Caxambu: MG. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT08-2611--Int.pdf>. Acesso em: 20/06/2014.

SILVA, M.C.M. 1997. O primeiro ano da docência: o choque com a realidade. In: ESTRELA, M. T. (org.). **Viver e construir a função docente**. Lisboa: Porto.

TANCREDI, R.M.S.P.; REALI, A.M.M.R. 2006. **Programa de Mentoria da UFSCar**: caminho para o desenvolvimento profissional de professoras iniciantes e experientes. São Carlos, DME/UFSCar. (texto a ser apresentado no I Congresso Internacional de Educação Escolar, em Araraquara, UNESP, 2006).

TARDIF, M. 2007. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

VEENMAN, S. 1984. Perceived Problems of beginning teachers. **Revista do professor recém formado**, v.54, n.2, p.143-178.